

# Desindexação: coragem e prudência

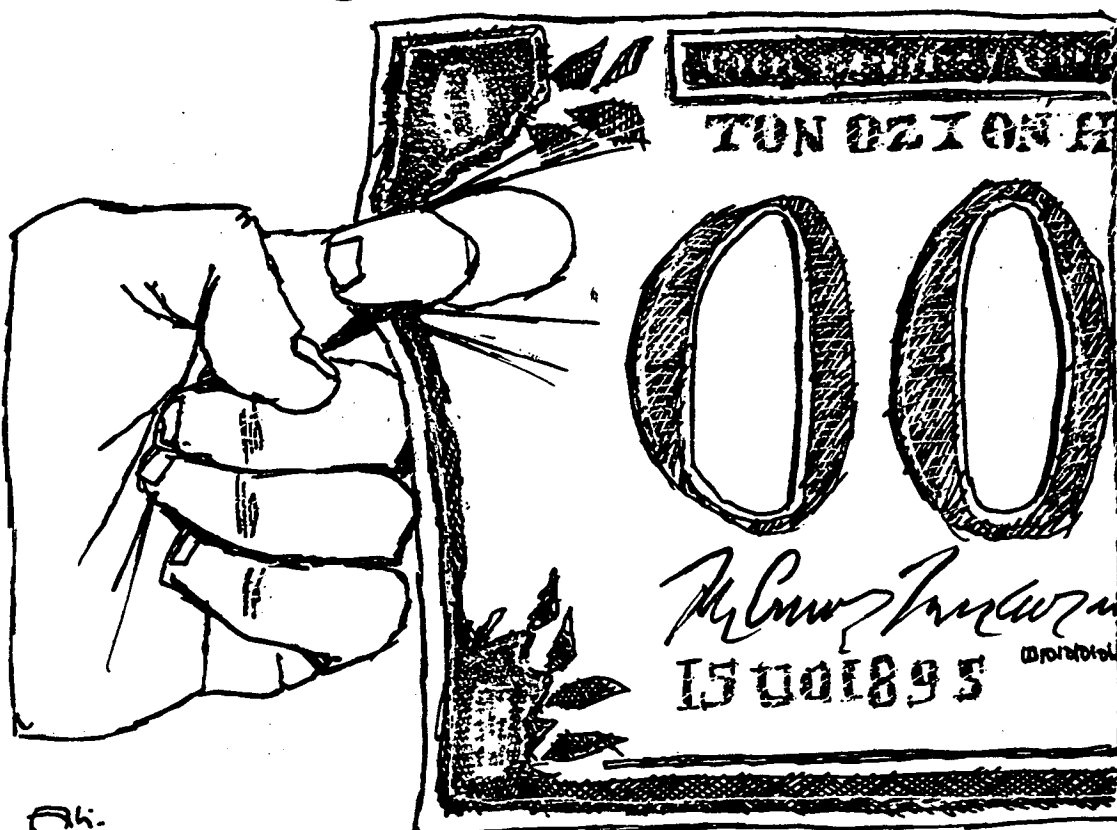
CIRIO GOMES\*

Com o fim do IPC-r, índice oficial de correção criado pelo Plano Real para um período certo de um ano, o governo terá de decidir por esses dias qual será sua estratégia com relação ao fenômeno da indexação que se entranhou nos costumes econômicos brasileiros a partir da criação da correção monetária e que acabou por se transformar num dos mais perversos mecanismos de perpetuação e multiplicação da inflação. Artigo notável do professor Mário Henrique Simonsen recentemente publicado descreve os mil e um formatos de indexação de salários nos últimos 30 anos, e uma conclusão chocante porém óbvia na sensibilidade comum: em todos eles os trabalhadores saíram perdendo para o galope inflacionário.

Olhando de uma perspectiva radical, na verdade, o que a superindexação da economia brasileira produziu foi uma aberração social e política jamais denunciada eficazmente: pela primeira vez na história, um país ousou formalizar um pacto de classe institucionalizado na medida em que a moeda nacional corrente (foram muitas nas últimas três décadas) servia apenas aos extratos de renda mais baixa e era o único ativo financeiro sujeito verdadeiramente à corrosão inflacionária, pois todos os outros ativos de valor médio para cima encontravam na proteção dos índices uma forma de não se desvalorizarem ou, quanto maior o volume e quanto mais informação privilegiada pudesse ter um vizinho do poder, muitas vezes por este mesmo mecanismo perverso, a inflação/indexação virou um excelente negócio.

Em todos os países do mundo, qualquer surto inflacionário, mínimo que seja, provoca imediata e consensual reação que acaba por provocar ou uma guinada na política econômica em vigor ou, o mais das vezes, leva mesmo à alternância das forças políticas no poder. No Brasil destes anos todos a inflação brincou de matar milhões de fome, destruiu o planejamento e a administração pública, quase aniquila a classe média, criou o contexto em que se ceva a especulação de todo tipo, ensinou em massa a lição deletéria do ganho fácil sem trabalho, criou o cenário generoso para a corrupção da política e sua crônica vulgar de super e subfaturamentos... e só agora se tem a esperança de que o Plano Real possa significar uma ruptura estrutural deste pacto perverso de exploração da coletividade pela aliança espúria do Estado e seus agentes com o baronato da especulação.

O nome é esquisito, cheira a tecnicidade e economês, parece não ser um assunto a ser debatido no bar ou nos estádios de futebol, mas, ao contrário, é tema de absoluto interesse popular, diria mesmo vital para a sobrevivência e restauração da esperança, a questão presente da des/indexação. Não pode tal assunto ser deixado ao encargo dos "brancos" e "iluminados" de Brasília ou das rodas elegantes das grandes cidades. Não é fácil desdobrar esta consciência, pois os muitos anos desta lógica criaram uma cultura que faz com que muitas vítimas deste processo pernicioso o defendam se não como conceito, como formatos egressos desta mesma lógica. O



exemplo mais desagradável oferecido por esta crônica em que o explorado reproduz e defende a lógica do explorador é a luta às vezes selvagem de lideranças sindicais por indexadores e salários nominais do tamanho de uns bolos de milho horrorosos que se vendiam em Sobral, no interior do Ceará, nos meus tempos de menino, e que eram só vento por dentro e azia certa uma hora depois.

O inimigo a ser combatido sem trégua é a inflação. Não podemos perder isto de vista. Ainda é a indexação e o sofrimento recentíssimo de taxas de superinflação que não nos permitem perceber claramente que inflação mensal entre 1,5% e 2,5% ao mês é muito alta, insustentavelmente alta, e precisa ser debelada radicalmente, sem o que aqueles outros números certamente voltarão mais cedo ou mais tarde. E o passo audaz e fortemente marcado de contracultura que temos que dar é acabar com a indexação! Se a insegurança que marca a vida do povo mais pobre com relação à desvalorização do dinheiro for politicamente comunicada ao setor público e aos endinheirados aí, então teremos, e somente aí, a certeza de que a inflação será combatida eficazmente. Só assim teriam a perder com ela e se romperia a lógica safada de alguns grupos de interesse, entre eles o Estado perdulário, de ganharem dinheiro sem trabalhar e explorando o trabalho alheio.

Os grupos que perdem com este passo são poderosíssimos. Eles estão atuando. Sua ação não é leal nem transparente, ao contrário, não lhes faltam meios escusos para agir seja nos bastidores da administração pública, seja tentando desmoralizar com sua forte influência os combatentes em favor de uma nova ordem para o Brasil. É preciso que nós outros sejamos ativos e, volto a dizer, não é fácil. Tome-se, para entendimento, o seguinte exemplo que é verdadeiro: a indústria de automóveis de São Paulo tem de

novo o mercado protegido para si, cobra impunemente o preço que quiser pelo seus produtos — já são os mais caros do mundo! —, o que custa para ela acertar um pacto com o sindicato dos metalúrgicos do ABC por salários indexados se todo este custo é imediatamente repassado com casca e tudo para o consumidor? É assim que tem sido concretamente com esta e outras categorias poderosas de empresários e frações do sindicalismo de classe média (à luz da maioria dos trabalhadores brasileiros).

E o setor da especulação financeira? Rios de dinheiro se ganham do dia para a noite na verdadeira jogatina em que o setor atua. Na ponta, isto é dinheiro público, pois via títulos da dívida pública superindexados e com juros "escorchantes"; todo dia o Banco Central faz mais felizes algumas poucas famílias brasileiras enquanto o mínimo para viver falta à maioria das famílias de nosso país.

Ultimamente tenho visto muitos pequenos fatos ocorrerem como expressão de uma ação que, por detrás dos panos, deve ser enorme por parte dos amantes da inflação para não permitirem a consumação da obra iniciada com o Plano Real. Seus argumentos são solertes, pois nunca falam que estão atrás de patrocinar seus interesses e lucros fáceis, preferindo sempre falar das consequências inevitáveis dos sacrifícios que certamente teremos que sofrer e sem o que não se vencerá a luta.

Acho que é hora de termos coragem de lançarmos ao passado a proteção fácil e fictícia da indexação e jogarmos toda nossa energia na proteção verdadeira de nossa moeda, cerrando fogo contra a inflação. A única prudência deve ser ao redor do salário mínimo e da receita pública. Tudo o mais, desindexação já e completa!

\* Ex-ministro da Fazenda e ex-governador do Ceará